

# LÉXICO E LITERATURA: O VOCABULÁRIO REGIONAL DA OBRA *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO REGO

Vanessa Oliveira Silva Gama (UEFS)

[vanessa\\_osg@hotmail.com](mailto:vanessa_osg@hotmail.com)

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

[rcrqueiroz@uol.com.br](mailto:rcrqueiroz@uol.com.br)

De manhã me levaram para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. Meu avô andava vestido num grande e grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa como fumaça cobria os matos que ficavam nos altos. Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral. Tudo aquilo para mim era uma delícia – o gado, o leite de espuma morna, o frio das cinco horas da manhã, a figura alta de solene do meu avô. (RÊGO, 2008, p. 40)

## 1. Introdução

A língua comporta um sistema de signos estreitamente vinculados ao processo das relações sociais, pois a comunicação humana quase sempre se dá por meio das palavras. Estas, segundo Biderman (1978), correspondem a um processo cognoscitivo e são, na verdade, modos de organização dos dados sensoriais da experiência de um grupo. Os signos lexicais têm a função de transmitir uma representação coletiva. Desse modo, o universo conceptual de uma língua apresenta-se como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais, podendo ser compreendida como um sistema de percepção e apreciação da realidade.

No universo dos estudos linguísticos, o léxico é considerado o elemento cultural que permeia a relação do homem com a sociedade. O léxico, cujas formas contemplam as experiências sociais, reflete todo um conjunto de aquisições culturais em torno das vivências de uma comunidade. O léxico está relacionado a tudo o que os indivíduos inventam, constroem ou consideram relevante, suas crenças, seus interesses e suas atividades. Nesse sentido o léxico de uma língua reflete o *modus vivendi* de uma dada comunidade, a maneira como seus membros organizam o

mundo no qual vivem, bem como estruturam os diferentes aspectos do conhecimento. Assim, ao mesmo tempo em que o léxico recorta realidades de mundo, insere-se na cultura. Desse modo, as línguas constituem-se como um tesouro cultural abstrato, ou seja, um conjunto de signos lexicais que herdamos de uma série de modelos categoriais que geram novas palavras. A esse respeito, Biderman (2001, p. 179), corrobora, dizendo: “Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura”.

O léxico de uma língua caracteriza-se pelo constante movimento. Palavras vão surgindo, depois desaparecem, ganham ou perdem significados, proporcionando ao falante de uma língua a interação com a realidade social, sendo o signo o mediador entre o homem e o mundo. Tais movimentos são impulsionados pelos usuários da língua, que diante das necessidades comunicativas, inferem novos sentidos às palavras, criando a semântica da língua, principalmente aqueles que a utilizam de forma criativa como os escritores, poetas e literatos, que atribuem uma nova conotação ao léxico, inferindo marcas regionais. Assim, a criatividade humana, sobretudo do artista da palavra, permite inferir novas significações, possibilitando a mobilidade da extensão lexical da língua. Biderman (2001, p. 180), em suas conjecturas, afirma: “No processo de aquisição da linguagem, o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa durante toda a vida do indivíduo”.

Nesse sentido, o léxico insere-se na memória dos falantes sucessivamente, por meio de signos linguísticos, cuja assimilação ocorre através da leitura da realidade e das experiências acumuladas.

Entre as disciplinas que enfocam o estudo do léxico, destacamos a lexicologia como sendo a ciência que tem por finalidade principal o estudo científico do léxico, bem como os princípios que norteiam a sua estruturação.

A lexicologia, ciência antiga que tem como objeto de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico, tem despertado pouca atenção dos linguistas. A esse respeito Mario Vilela (1994, p. 10) faz as suas considerações:

A lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

Enveredando pelos caminhos do estudo do léxico regional na obra *Menino de Engenho*, pretendeu-se dar um enfoque sincrônico ao acervo lexical do *corpus* da pesquisa. Sem perder de vista a semântica lexical numa ótica discursiva, como também a pragmática, que trata dos usos da língua em meio aos aspectos sociais.

Segundo Dino Pretti (1982, p. 62), a língua no seu conjunto é um diassistema que compreende as variações ocorridas: as variedades *diastáticas* que determinam os fatores socioculturais, as *diatópicas* que denominam as variações de natureza espacial, como os falares regionais ou locais e as variantes *diafásicas* determinadas pela situação, pelo ambiente em que se encontra o falante, são as variações observadas entre a oralidade e a escrita.

O estudo do léxico está inserido principalmente na Semântica Lexical, com base nas relações entre as palavras. Nos últimos anos, a Semântica deixou de lado as teorias formais e assumiu as proposições pragmáticas, comunicativas e cognitivas, retomando o estudo do léxico a ser abordado em todas as correntes e concepções linguísticas. Nessas concepções, destaca-se a semântica cognitiva, que confere ao léxico um lugar ao qual chamamos de semântica dos protótipos, dos estereótipos, das semelhanças entre as famílias ou o princípio de aproximação do protótipo. Essa perspectiva considera que o conhecimento lexical é conhecimento de língua e conhecimento cultural, destacando-se o perfil psicológico da abordagem linguística. De acordo com essa concepção, o processo de aquisição do léxico, além de ser uma apropriação das regras de referência, passa, também, por um processo de aculturação. A aquisição de uma palavra nova é sempre a aprendizagem da relação entre esta palavra que se situa como um objeto dentro e na cultura.

Nesse sentido, ao estudarmos o léxico de uma obra literária, entramos em contato com as abordagens existentes entre língua e cultura. O termo cultura envolve valores espirituais, materiais, qualidades peculiares do homem e aquelas adquiridas ao longo da sua existência, do seu desenvolvimento, nas suas relações com os outros, inclusive na aquisição da linguagem. Diante da complexidade e da relevância do termo cultura, buscamos compreender especificamente a cultura popular, as várias expressões que envolvem as manifestações das tradições populares regionais, às quais estão refletidas no linguajar da sociedade retratada no romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego. Por se tratar de uma obra regional, em que estão inseridas características da cultura popular, buscamos na corrente literária do Regionalismo, em seus conceitos e ten-

dências, identificar as características geográficas, sociais, folclóricas e tradicionais presentes na maneira de ser, de sentir, de agir e de falar da comunidade nordestina que povoavam os engenhos de cana-de-açúcar.

## 2. *José Lins e a obra Menino de Engenho*

O escritor paraibano José Lins do Rego nasceu no dia 3 de junho de 1901, no engenho Corredor, município de Pilar. Esse mundo rural do Nordeste, ligado às senzalas e ao mundo dos senhores de engenho, dá origem às paralelas dentro das quais se encaminha e cresce a monumental obra de José Lins. Em 1923, já revela sua autêntica vocação de escritor, publicando artigos em suplementos literários.

Aos 22 anos formou-se em advocacia. Casou-se em 1924 com Philomena Massa (Naná), com quem teve três filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Cristina. Foi nomeado promotor público, em Manhuaçu, Minas Gerais, em 1925. Deixa o Ministério Público e em 1926 transfere-se para Maceió, Alagoas, onde trabalha como fiscal de bancos. Integra-se a um grupo de intelectuais que se tornariam seus amigos pelo resto da vida: Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti e outros. Em Maceió escreve os três primeiros romances: *Menino de engenho*, *Doidinho* e *Banguê*.

Em 1923, publica seu livro de estreia, *Menino de engenho*, em edição por ele custeada. Premiado pela Fundação Graça Aranha, o romancista é saudado pela crítica com entusiasmo e a edição de dois mil exemplares é quase toda vendida no Rio. Daí em diante a obra de José Lins não conhece interrupções. Publica 12 romances, um volume de memórias, livros de viagem, de literatura infantil, de conferências, de crônicas, traduzidos para diversas línguas.

Em 1935, é nomeado fiscal do imposto de consumo, mudando-se para o Rio de Janeiro, onde viveu o resto da vida. É eleito para a Academia Brasileira de Letras, como sucessor de Aaulfo de Paiva. Morre em 12 de setembro de 1957, sendo enterrado no mausoléu da Academia, no cemitério de São João Batista.

## 2.1. Sobre Menino de Engenho

*Menino de Engenho*, publicado em 1923, constitui a obra mais autêntica de José Lins do Rego. Representa a evocação das experiências e impressões acumuladas durante a sua infância, vivida no engenho de seu avô materno, do Pilar, Estado da Paraíba. Trata-se de um livro de memórias da vida rural nordestina.

Em seu projeto inicial, José Lins do Rego não pretendia produzir um romance, mas fazer o perfil biográfico do seu avô, o enérgico coronel José Lins, figura que melhor representa o senhor de engenho, expressão do patriarcalismo rural do Nordeste açucareiro. O escritor transformou uma biografia em um romance, cuja história gira em torno da recriação do Engenho Santa Rosa, do menino de engenho; marcado pelas impressões do neto de senhor de engenho e pelo próprio engenho. Trata-se de uma novela de memórias infantis da vida rural nordestina. Com isso cito Ribeiro (1932, p. 167):

Este livro pungente é de uma realidade profunda. Nada há que não seja o espelho do que se passa na sociedade rural e nas das cidades do Norte e do Sul. E de todo o Brasil e um pouco de todo o mundo. O seu realismo pode acaso desagradar algumas pessoas que não amam a verdade senão colorida, engalanada em eufemismos convencionais. É a vida tal como ela é [...]

José Lins desenvolve suas memórias com muita força de realidade, apresentando uma grande riqueza de informações sociais, mostrando a realidade dos engenhos de cana-de-açúcar, detalhando tipos do ambiente açucareiro do Nordeste, característicos dessa região. Revela-nos os contatos sociais do menino da casa-grande com os moleques da bagaceira, das relações existentes entre o senhor de engenho e seus servidores, da inter-relação com outros engenhos; enfim, da relação com a própria família, em que se percebe a supremacia da autoridade do senhor de engenho, com poder absoluto, naquele contexto.

A forte impressão do real que nos deixa essa novela, deve-se, entretanto, a José Lins do Rêgo não se distrair com a natureza, não se perder no simples interesse paisagístico, ele a utiliza para fixar sua gente de romance em terra firme. A natureza não aparece no texto com a simples função decorativa, ela se integra em sua novela como forte elemento documentário. Como um testemunho atmosférico. O romancista colocou sua presença entre os acontecimentos, seja de forma direta, seja através de impressões e modos particulares de ver e sentir.

Através do que José Lins nos expõe da vida do engenho Santa Rosa, com abundância de detalhes, podemos ver como em nenhum outro livro brasileiro o cotidiano dos engenhos banguês do Nordeste. E do que sofrem as terras e as gentes dessas zonas açucareiras.

Destarte, José Lins do Rêgo, como escritor da chamada geração de 30 (1930), desenvolve sua atividade literária seguindo a linha regionalista da literatura brasileira, cujas narrativas enfatizavam mais a natureza em detrimento do homem, entretanto, consegue ultrapassar esse estereótipo mudando o eixo de gravidade da natureza para o homem, em sua ficção. A temática, a estrutura literária e a linguagem de suas obras caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do universo sócio-linguístico-cultural. Utilizando, mesmo com personagens do povo, uma estrutura linguística típica do padrão culto da linguagem. Sua linguagem popular se manifesta, basicamente, no léxico, com um vocabulário de palavras e expressões regionais/populares.

### **3. O vocabulário regional em *Menino de Engenho***

A análise do vocabulário contido no romance *Menino de engenho* (cuja edição que serviu de base para este trabalho foi a de 2008, da Editora José Olympio, composta por 158 páginas), de José Lins do Rêgo, deu-se a partir da teoria dos campos, que neste caso passa-se a denominar de campos léxico-semânticos, a qual traz as unidades lexicais de forma interdependente. São apresentados os macrocampos, subdivididos em seus respectivos microcampos, sendo estes formados pelas lexias pertencentes a uma mesma esfera de conhecimento. Os macrocampos são os seguintes: **1. Religiosidade**, subdividido em: *Das divindades, Das festividades, Dos locais sagrados*; **2. Ocupações**, subdividido em: *Trabalhos diversos, Da casa, Da terra, Dos donos da terra*; **3. Da geografia**, subdividido em: *Os topônimos: Nomes de cidades, Estados e vilas, Nome de engenho, Elementos dos rios, A flora: Plantações, Vegetação nativa, Frutos, Madeira, A fauna: Animais domésticos, Animais silvestres, Comportamento dos animais*; **4. Moradia**, subdividida em: *A casa, Os arredores, Os objetos, Alimentação, Bebidas*; **5. Sobre as pessoas**, subdividido em: *Os sentimentos, Características físicas, Características psicológicas, Comportamento, Das atitudes, Situações, Enfermidades, Remédios*; **6. Sobre a fazenda**, subdividida em: *Elementos do Engenho, Instrumentos de trabalho, objetos, Instrumentos de locomoção*; **7. Sobre o tempo**; **8.**

## **Expressões populares; 9. Entidades Míticas; 10. Fenômenos da natureza.**

Para a organização do vocabulário regional contido no romance *Menino de engenho* foram adotados alguns critérios, a saber:

- As lexias foram separadas por categorias dentro do campo semântico estudado;
- As lexias foram apresentadas em letras maiúsculas e em negrito e dispostas na ordem em que aparecem na obra *Menino de engenho*;
- As lexias compostas foram classificadas como locução;
- As entradas dos substantivos foram feitas no masculino singular;
- As entradas dos verbos estão no infinitivo;
- As lexias foram apresentadas conforme constam nos dicionários e os exemplos de acordo com a obra sob análise;
- Após a entrada e a classificação foi apresentada a significação da lexia ou locução dentro do contexto específico, seguida por exemplos extraídos da obra, com a lexia em destaque.

### **3.1. O vocabulário através dos campos léxico-semânticos**

#### *3.1.1. Religiosidade*

##### DAS DIVINDADES

**SÃO SEBASTIÃO** – s.m. ‘Divindade Católica’.

“Um **São Sebastião** atravessado de setas, com os seus milagres em redor do quadro.” (p. 69)

##### DAS FESTIVIDADES

**SÃO JOÃO** – loc. subs. ‘Festividade católica ocorrida no mês de junho, oferecida a São João’.

“Na noite de **São João** era na sua porta somente que não acendiam fogueira.” (p. 86)

## DOS LOCAIS SAGRADOS

**QUARTO DOS SANTOS** – loc. subs. ‘Cômodo da casa reservado para os altares católicos’.

“Quando acendiam as velas do **quarto dos santos**, nós íamos olhar as estampas e as imagens.” (p. 69)

### 3.1.2. *Ocupações*

#### TRABALHOS DIVERSOS

**CARREIRO** – s.m. ‘Condutor de carro de bois’.

“O coronel este ano não faz duzentos pães de açúcar – dizia o **carreiro**.” (p. 60)

#### DA CASA

**CRIAS DA CASA** – loc. Adj. ‘Escravo criado na casa do senhor’.

“Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas na despensa para pretexto de suas pancadas nas **crias da casa**.” (p. 45)

#### DA TERRA

**CAPINEIRO** – s.m. ‘Mondador ou segador de capim’.

“Uma manhã, porém, o **capineiro** do engenho saiu para cortar capim para os cavalos.” (p. 81)

“**Capineiro** de meu pai, não me corte os meus cabelos.” (p. 81)

#### DOS DONOS DA TERRA

**SENHOR DE ENGENHO** – s.m. ‘Dono de engenho’.

“O **senhor de engenho** chorou feito um doído, abraçando e beijando a filhinha.” (p. 82)

### 3.1.3. *Da geografia*

#### OS TOPÔNIMOS

**Nomes de Cidades, Estados e Vilas**



**ITABAIANA** – s.f. ‘Município brasileiro no Estado da Paraíba’.

“A ponte de **Itabaiana** acabou-se.” (p. 58)

#### NOMES DE ENGENHO

**SANTARÉM** – s.m. ‘Engenho próximo ao Santa Rosa’.

“No **Santarém** ninguém come.” (p. 47)

#### ELEMENTOS DOS RIOS

**POÇO DAS PEDRAS** – ‘Piscina que o curso e a correnteza do riu cava em sua margem’.

“Vamos para o **Poço das Pedras**.” (p. 40)

#### A FLORA

##### Plantações

**CABREIRA** – s.f. ‘Planta leguminosa’.

“[...] com o carneirinho amarrado comendo folhas de **cabreira** [...]” (p. 128)

##### Vegetação Nativa

**ARREBENTA-BOI** – s.m. ‘Erva venenosa’.

“Nós íamos colhendo cabrinhas amarelas e **arrebenta-bois** vermelhos que não comíamos porque matavam gente.” (p. 50)

##### Frutos

**JAMBO** – s.m. ‘Fruto do jameiro’.

“E fomos à horta para tirar goiabas e **jambos**.” (p. 40)

##### Madeiras

**PEROBA** – s.f. ‘É a designação vulgar de várias espécies de árvores, conhecidas pela sua madeira de qualidade’.

“Os seus paus-d’ arco, as suas **perobas**, os seus corações-de-negro cresciam indiferentes ao machado e às serras.” (p. 68)

#### A FAUNA

##### Animais domésticos

**CACHORRO-DE-FILA** – s.m. ‘Que acompanha o dono para todos os lados, inseparável’.

“Por onde ia, ia o porco, como um **cachorro-de-fila**”. (p. 77)

### **Animais silvestres**

**TAPURU** – s.m. ‘Bichos que comem frutas’.

“Aquilo da gente apodrecer debaixo da terra, ser comido pelos **tapurus**, me parecia incompreensível.” (p. 95)

## COMPORTAMENTO DOS ANIMAIS

**DESEMBESTADO** – s.m. ‘Corrida insofreável de cavalo ou de outro animal’.

“Então começava a ver a minha inimiga trucidada, com cavalos **desembestados** puxando-lhes o corpo pelos espinhos.” (p. 96)

### *3.1.4. Moradia*

#### A CASA

**CUMEEIRA** – s.f. ‘A parte mais alta do telhado’.

“Aquilo é **cumeeira** de casa que a cheia botou abaixo.” (p. 56)

#### OS ARREDORES

**SENZALA** – s.f. ‘Alojamento destinado aos escravos’.

“Restava ainda a **senzala** dos tempos do cativoiro.” (p. 83)

#### OS OBJETOS

**ANCORETA** – s.f. ‘Pequeno barril para transporte de aguardente’.

“E para nós era a única coisa a ver: a canoa cheia de **ancoretas**, e os cavalos puxados de corda, nadando, e a gritaria obscena do pessoal.” (p. 61)

### *3.1.5. Alimentação*

**BOLO DE GOMA** – s.m. ‘Bolo feito de goma’.

“Passavam meninos com roletes de cana e **bolos de goma** e uma gente apressada a dar e a receber recados.” (p. 37)

### BEBIDAS

**CAPILÉ** – s.m. ‘Bebida feita com água açucarada com xarope’.

“Andávamos pelos botequins no **capilé**, ou tirando a sorte de papeizinhos enrolados.” (p. 70)

### 3.1.6. Sobre as pessoas

#### OS SENTIMENTOS

**ENGANJENTA** – adj. ‘Orgulhosas, vaidosas’.

“As mães ficavam bravas nos primeiros dias do parto, **enganjentas** dos filhos que tinham.” (p. 139)

#### CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

**TALUDA** – Adj. ‘Corpulenta, desenvolvida’.

“Os homens que vinhas queriam mais gente grande e molecas **taludas**.” (p. 87)

#### CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS

**CHIBANTE** – adj. ‘Orgulhoso, valente, fanfarrão’.

“Chico Pereira era cambiteiro, moleque **chibante** da bagaceira, cheio de ditos e nomes obscenos.” (p. 72)

#### COMPORTAMENTO

**ESTRANHAR** – v.t.d. ‘Tratar com esquivança, descortesia’.

“A pobre saiu espantada, dizendo para os outros que eu a tinha **estranhado**.” (p. 38)

#### DAS ATITUDES

**CANGAPÉ** – s.m. ‘Pontapé dentro d’água; bater com a perna no companheiro ao mergulhar’.

“Espanavam a água com os **cangapés** ruidosos, e saía sempre gente chorando [...]”. (p. 44)

## SITUAÇÕES

**ENDIREITA** – s.m. ‘Ato ou efeito de corrigir’.

“Menino só **endireita** com chinela!” (p. 53)

## ENFERMIDADES

**PALUDISMO** – s.m. ‘Malária’.

“Tinham voltado da várzea de Goiana amarelos e inchados de **paludismo**.” (p. 67)

## REMÉDIOS

**QUININO** – s.m. ‘Sulfato de quinina’.

“Mande o menino buscar **quinino** no engenho”. (p. 67)

### *3.1.7. Sobre a fazenda*

## ELEMENTOS DO ENGENHO

**BIQUEIRA** – s.f. ‘Tubo ou espécie de telha, ponteiras por onde se escoam água da chuva’.

“Um enorme edifício de telhado baixo, com quatro **biqueiras** e um beuiro branco, a boca cortada em diagonal.” (p. 42)

## INSTRUMENTOS DE TRABALHO

**FOICE** – s.f. ‘Instrumento curto para ceifar’.

“Era único jeito de atalhar o incêndio para salvar o resto do partido, meter a enxada e a **foice** no riacho que cortava o canavial, abrindo aceiros de lado a lado.” (p. 112)

## OBJETOS

**MESA** – s.f. ‘Estrado de madeira, pentagonal, que constitui a parte principal do carro de bois’.

“Os moleques trepados nas **mesas** dos carros [...]” (p. 130)

## INSTRUMENTOS DE LOCOMOÇÃO

**CABRIOLÉ** – s.m. ‘carruagem leve, de duas rodas, puxada por cavalo’

“[...] sempre que saia de casa era de **cabriolé** e de casimira preta” (p. 105)

### 3.1.8. *Sobre o tempo*

**BOCADO**. - s.m. ‘Bastante’.

“É ali o engenho, mas nós temos que andar um **bocado**.” (p. 38)

**CUSTAR** – v.int. ‘Demorar’.

“Não **custava**, por tanto, a apontar entre nós.” (p. 55)

### EXPRESSÕES POPULARES

**QUENTURA** - s.f. ‘Calor’.

“Era um leite de espuma, ainda morno da **quentura** materna.” (p. 40)

### 3.1.9. *Entidades míticas*

**LOBISOMEM** – s.m. ‘Um ser lendário, um homem que pode se transformar em lobo’.

“Na Mata do Rolo estava aparecendo **lobisomem**.” (p. 75)

### FENÔMENOS DA NATUREZA

**CABEÇA – D’ÁGUA** – s.f. ‘Enxurrada produzida pelas grandes chuvas da entrada do inverno no alto sertão’.

“As experiências confirmavam que com duas semanas de inverno o Paraíba apontaria na várzea com a sua primeira **cabeça-d’água**.” (p. 54)

## 4. *Considerações finais*

Com vistas à valorização da língua popular nos textos escritos, desenvolveu-se um trabalho científico pautado em investigações sobre o linguajar regional rural nordestino, tomando como *corpus* a obra literária *Menino de engenho*, do escritor José Lins do Rêgo. Através de suas memórias, o autor retrata com muita autenticidade os falares típicos dos engenhos açucareiros da Paraíba.

A opção por uma obra dessa natureza foi feita mediante a importância do estudo em questão para a literatura regional, dada a ênfase que o autor dá, no que diz respeito ao regionalismo e à funcionalidade da língua falada. Quanto aos termos e expressões populares, procurou-se a fidedignidade ao texto, registrando as lexias tal como são apresentadas, localizando o trecho e a página, para assim oportunizar uma melhor compreensão àqueles que se utilizarem do texto de José Lins do Rego para futuras pesquisas.

A obra de José Lins apresenta uma quantidade expressiva de regionalismos, termos folclóricos e neologismos, os quais refletem a linguagem cotidiana do Nordeste, com termos e expressões populares, observados na linguagem coloquial típica dos engenhos nordestinos, como também, os valores culturais e sociais.

O presente trabalho tem o propósito de oferecer dados linguísticos precisos e significativos que possam servir de material comprobatório às ciências da linguagem, sobretudo no âmbito da filologia. Pretendemos, numa perspectiva de futuro, aprofundar os estudos nesta direção. Esperamos, assim, contribuir para novas pesquisas neste ramo da linguística.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1986.

GECKELER, Horts. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. Tradução de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1976.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de semântica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS, Ed. UFMS, 1998.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). *Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009. 1 CD.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*: romance. 96. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. O Estudo do léxico, o conhecimento da cultura. In: ABBADE, Celina Márcia de Souza (Org.). *O Léxico em questão*. Salvador: UCSal, 2009, p. 129-136.